



M.elle Suzanne Wetzels

insigne violinista franceza que tomou parte n'um brilhante concerto no Porto a favor dos tifosos.

II SERIE—N.º 640

ASSINATURAS:—Portugal, Colonias portuguezas e Espanha: Trimestre, 1\$90 ctv. Semestre, 3\$75 ctv.—Ano, 7\$50 ctv.

Numero avulso, 15 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

O SECULO

Lisboa, 27 de Maio de 1918

Director—J. J. da Silva Graça
 Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.
 Editor—José Joubert Chaves
 Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 45—LISBOA

Ao leitor: Depois de lida a "Ilustração Portuguesa", envia-a á Junta Patriótica do Norte (Paços do Concelho—Porto) para esta a fazer chegar aos nossos soldados do "front"

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas aplicações práticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 reis

DEPURATOL

Soberano e inconfundivel remedio para o tratamento de todas as impurezas de sangue (sífilis) conhecidissimo e registado em numerosos paizes

Suas vantagens: Ele tira rapidamente as dôres ao doente; traz-lhe logo de começo o appetite, bem estar e socego de espirito; não é purgativo; faz desaparecer por completo as placas, chagas, feridas e os pesadelos e tonturas de cabeça; não altera o sangue; não tem o menor sabor; não exige dieta especial; pode ser tomado pelos organismos mais fracos e alquebrados; pôde ser usado em todas as viagens e passeios; é extremamente portatil, pois vae em pequeninos tubos; substitue com grandes vantagens os tratamentos pelos 606 e 914 e todas as injecções e fricções mercuriais; não necessita de auxilio de qualquer outro tratamento; ele não tem, n'uma palavra, o minimo inconveniente no seu uso. Aconselhado e preconizado por inumeros medicos e por todos os clientes que o tem usado!

Sifilitico que ainda não tenha manifestações evite-as, tomando já este excelente e inconfundivel remedio.

Cada tubo (para uma semana de tratamento), 1\$25; 6 tubos, 6\$30. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Depositario geral em Lisboa:—Farmacia J. Nobre, 109, Rocio, 110. A venda no Porto, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em Coimbra, Drograria Marques, Praça 8 de Maio, 33 e 36. Em Braga, Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal. Em Evora, Drograria Martins & Mata, R. João Deus 64. Em Setubal, antiga Casa Supardo. Em Tomar, Farmacia João Torres Pinheiro & C.ª. Na Figueira da Foz, Farmacia Sotero.

A venda no Funchal, Farmacia Luso-Britanica, R. dos Netos, 64. Em Loanda, Farmacia Dantas, Valadas & C.ª, e em todas as boas farmacias e drograrias.

Colares "Viuva Gomes"

— A MAIS VELHA MARCA DE VINHOS DE COLARES

Unica premiada com "GRAND PRIX"

SUCURSAL EM LISBOA:

Rua Nova da Trindade, 90

Telefone 1644

SÉDE

Colares-Almoçageme

Seios firmes e desenvolvidos

Obtem-se usando as **Pilulas Circacianas** com 25 annos de exito mundial do Dr. Fred Brun. Garante-se o resultado. E' inofensivo. — Preço 3800; pelo correio 3810.—CABELEI-REIRA. Rua do Norte, 34, 1.ª

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Reconstituinte Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Crianças, Convalescentes, Tratamento das enterites
8, Rue Favart, Paris

Enterocolite muco-membranosa

e as suas complicações, curam-se por completo com a

LACTOSYMBIOSINA

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS-T. do Carmo, 1. 1.ª Lisboa

Ler na quarta-feira o SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SECULO)

Um Bello Dia de Caça

e uma sacola cheia é a recompensação para quem usar os

Cartuchos de Polvora sem Fumaça "NITRO CLUB" e "ARROW"

Forrados A Prova d'Agua com Aço Feitos nos Calibres 8, 10, 12, 16, 20, 24 e 28.

A vedna por todos os principaes commerciantes em todas as partes.

Enviamos catalogo gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co. Woolwich Bldg., Nova York, E. U. A. do N

Todos os cartuchos "Nitro Club" e "Arrow" são forrados com esta banda de aço interiormente a qual offerece maior resistencia donde mais se precisa dando grande força penetradora ao disparo.



A FESTA DA FLOR

Como se vai desmentindo o que se afirmava do mau emprego que o nosso povo fazia dos seus domingos! Quem o visse no dia 19 no Jardim da Estrela, n'aquela assombroso formigueiro de mais de vinte mil creaturas, contando com os que não pagaram entrada, desconheceria de certo. Ninguém diria que ele era esse apaixonado tradicional de comensais e libações, ás quaes sacrificava impenitente tudo o que fosse de bom gosto e educativo. Houvesse a festa que houvesse em Lisboa, por mais linda, atraente e acessível de preço que fosse, nada detinha o exodo ao domingo para as hortas suburbanas e da Outra Banda.

Foi pela flor que se operou este milagre da civilização.



1. Barraca do Seculo, dirigida pelo sr. Luiz de Judicibus X delegado da Sopa para os Pobres, que se esforçou por que a festa tivesse o maior brilho, sendo a venda de flores e outros objetos confiada a um grupo de gentis meninas.—2. Barraca do Comité Anglo-Franco-Belga, onde se via reunido o que ha de mais distinto nas colonias dos países aliados em Lisboa.

A flor oferecida por mãos gentis, frescas e perfumadas como ela; colocada ao peito de ricos e pobres, de grandes e pequenos, com essa doce imposição de que as mulheres teem o segredo na sua fraqueza e os homens o dever de obediencia na sua força, pelas ruas, pelos teatros, pelos jardins, teem teito em curtos anos entre nós mais do que todas as escolas e leis igualitarias.

Nunca se viu mais intima confraternização das diferentes classes na alegria de fazer o bem que sob o imperio magico da flor. Da sua venda, das



A barraca do distinto florista sr. Fernando Sanches, que apresentou uma linda e variadíssima profusão de flores das mais apreciadas espécies, creadas nos seus magníficos jardins.

suas festas, que o mesmo é que dizer do seu culto, depressa irradiado de Lisboa para todo o paiz, teem brotado manançias de alívio de conforto, talvez como de nenhum outro meio de apelar para a solidariedade humana perante as grandes dores do proximo.

Para educar é preciso despertar primeiro o sentimento do bello e do bem. E tem-no conseguido a festa da flôr, da iniciativa do *Seculo*. Ad'este ano, realisaada tambem com o concurso da «Cruzada das Mulheres Portuguezes» e do «Comité» Anglo-Franco-Belga, excedeu em concorrencia, brilho e resultados praticos quanto se podia imaginar de mais lisonjeiro. Em volta dos dois supremos ideaes al-

truistas que pairam consoladores sobre a angustia da hora presente — o de socorrer as vitimas da guerra e de dar

uma sopa aos pobresinhos — não se podiam enlaçar mais nobres e espontaneos esforços.

Só faltou a honrosa presença do illustre chefe do Estado, que, apesar dos seus bons desejos, não pôde regressar da sua visita ao Porto a tempo, para que uma festa, a favor dos que se batem pela justiça e pela liberdade e dos que sobrem a guerra, tivesse a mais solene das sanções.

Os altos representantes dos paizes estrangeiros entre nós, secretarios de Estado, funcionarios civis e militares de todas as categorias, a



O belo grupo de raparigas de Perosinho, apresentado, a expensas suas, pelos srs. Moreira da Silva & Filhos, grandes horticultores portuenses, que tambem concorreram para a festa com muitas e lindas flores dos seus vastos viveiros.



nobreza do sangue e do trabalho, o verdadeiro elemento popular, em numero de vinte e cinco mil pessoas, nos dias 19 e 20, que durou a festa, pagando a sua entrada, com-



prando flores e os variadissimos objetos d'arte que enchiam as barracas, tão artisticas e embelezadas pelas senhoras; os actores e as actrizes mais illustres dos nossos primeiros



3

1. Barraca do Eden Teatro, simulando um Café de Camareiras.—2. Na barraca das figuras de cera em que tomaram parte alguns dos mais distintos artistas dos teatros de Lisboa. Sentados da esquerda para a direita: Dr. Sidonio Paes, (ator Sacramento); M. Poincaré, (ator Jorge Grane); Marechal Joffre, (ator Augusto Torres). De pé: Marechal Douglas Haig, (ator Pato Moniz); General Gomes da Costa, (ator Tomaz Vieira); General Tomagnini, (ator Rafael Marques); Rei da Belgica, (ator Robles Monteiro); Jorge V, (ator Henrique d'Oliveira); Almirante Beatty, (ator Erico Braga); Liond George, (ator Francisco Judicibus), e o ator Alvaro Cabral que fazia a sua apresentação.—3. Barraca da Cruzada das Mulheres Portuguezas, vendo-se na frente as creanças das crèches 1 e 2, filhos dos mutilados e mortos na guerra.



A barraca do teatro Apolo, figurando um interessantíssimo acampamento de ciganos

teatros com as suas diversões inexcitáveis de graça e de alegria, as excelentes e tão apreciadas bandas militares de Lisboa e da marinha, luzidos destacamentos dos bombeiros municipais e voluntários, que com a guarda republicana e a policia civica velavam de uma maneira superior pela ordem

no jardim, escolas com os seus escoteiros, creches com as criancinhas, filhas dos mutilados da guerra; e, vindos do norte, o grupo de camponesas e camponeses de Perosinho, com suas deliciosas danças e cantares, apresentado a expensas dos grandes horticultores portuenses Alfredo Moreira da Silva e fi-



A barraca do Politeama, a que o distinto ator Amarante imprimiu o pitoresco aspeto de uma barraca de «Vinhos sem Petiscos» do celebre «Sabastião Brabosa».



Um aspecto do palco do teatro ao ar livre, pelo qual perpassaram, com grande aplauso do publico, quasi todos os actores e atrizes das companhias que tomaram parte na festa, bem como o interessante rancho de Perosinho apresentado pelos srs. Moreira da Silvea & Filhos.

lhos, e o celebre «Zé Povinho», do Porto; — todo esse magestoso oceano de gente, movendo-se a custo pelas ruas do jardim, n'um estranho fremito de animação e sob os sorrisos fascinantes das lindas e abundantes flores do distinto florista Fernando Sanches e d'aqueles horticultores, distribuidas por

bandos irrequietos de meninas e senhoras formosissimas, fez a mais eloquente consagração que se podia fazer da *Festa da Flor*, como uma festa eminentemente nacional, que o ficou sendo de hoje para o futuro.

ANTONIO MARIA DE FREITAS.



Um aspecto da multidão assistindo ás representações no teatro ao ar livre.



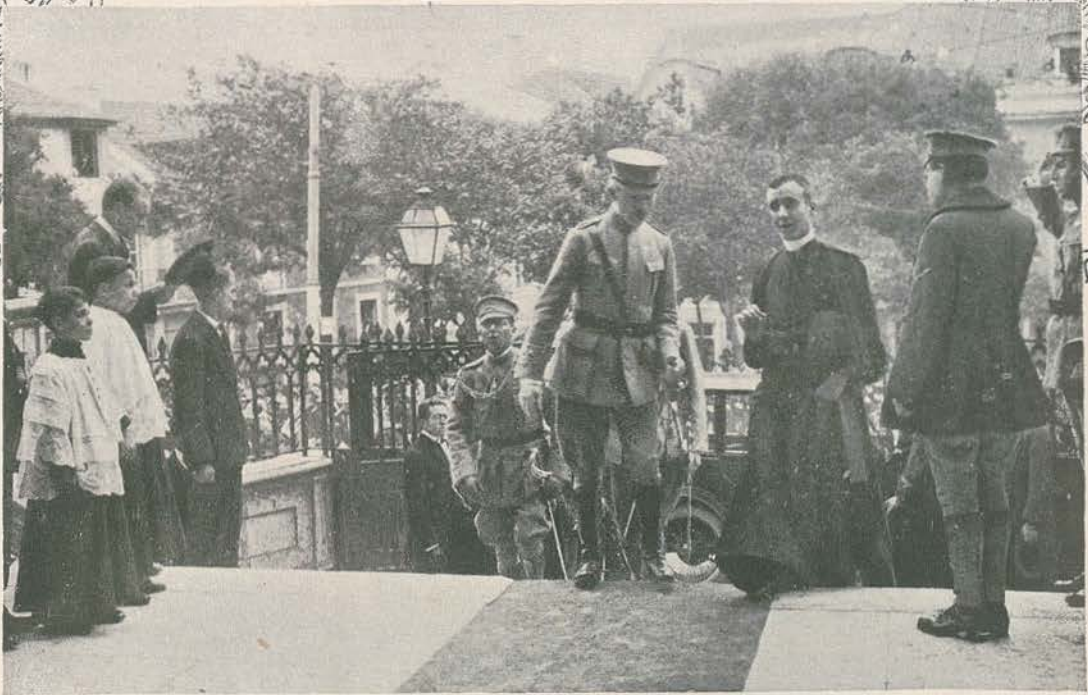
Pavilhão da venda do chá pertencente à Cruzada das Mulheres Portuguezas.



Barraca da Nova Companhia Nacional de Moagens, cujos ilustres diretores foram da maior gentileza e generosidade para com as instituições humanitárias mantidas pelo Seculo, colaboração realizada dedicadamente na festa da Flor.

(«Cliches» Benoiel).

SUFRAGANDO OS MORTOS PELA PATRIA



O sr. presidente da Republica, acompanhado do representante do sr. patriarca de Lisboa e seguido do capitão sr. Cameira, entrando na Sé, onde foi assistir aos officios pelos nossos soldados. No primeiro plano, á direita da fotografia, vê-se, de costas, o alferes padre Avelino de Figueiredo.

PELA primeira vez ao cabo de oito annos de Republica, encontraram-se juntos na mesma grande cerimonia religiosa os representantes de dois poderes que a lei divorciou: o espiritual e o temporal. A Sé de Lisboa revestiu-se de crepese encheu-se de fieis para comemorar os heroes portuguezes



que nos talados e revolvidos campos de França e nas paragens longinhas e ardentes da Africa sacrificaram as suas vidas em holocausto ao futuro da Patria. Aos solenes supplicios assistiu o cardinal patriarca, rodeado do seu cabido, e assistiu o chefe do Estado com os ministros, as autoridades civis e mi-

O sr. dr. Sidonio Paes com os seus ajudantes e os srs. Henrique de Mendonça e padre Amadeu Ruas, membros da comissão promotora das exequias.



litares, muitas personalidades conhecidas ou eminentes, enorme concurso de povo e entre este não poucas senhoras e crianças vestidas de luto... Ao pulpito, pa-



ra traçar o elogio dos gloriosos soldados que sucumbiram na refrega, subiu o sr. bispo de Portalegre, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, o mais novo e um dos mais cultos prelados. O sr. dr. Sidonio Paes tomou logar na capela-mór, ocupando a tribuna da epistola, outr'ora destinada ao soberano e sua familia. Cantou-se musica de Perosi, o celebre mestre-de-capela de Pio X, e em muitos rostos correram lagrimas de saudade pelos que foram e não voltam mais,—moços, tantos d'elles, cuja magnifica juventude irá reflorir nas gerações de amanhã pelas quaes tão generosamente se imolaram... O presidente da Republica foi recebido e despedido com todas as honras inherentes à sua magistratura suprema. O chefe do Estado e

o chefe da Egreja portugueza, o cardeal Belo, apertaram-se cordealmente as mãos. Acima de todas as dissenções e mesquinhasias paira imortal e augusta a gloria dos que caíram por nós todos e que bem merecem a reconciliação e a paz dos portuguezes...

Depois dos officios divinos, saindo do templo. No grupo ao alto da pagina vêem-se as seguintes individualidades: 1. sr. dr. Espirito Santo Lima, secretario de Estado dos negocios estrangeiros. 2. Sir Lancelot Carnegie, ministro da Inglaterra, seguido de sua esposa. 3. Coronel mr. Thomas Birch e sua esposa. No grupo ao centro vêem-se as seguintes: 4. S. D. Alexandre Padilla e 5. mr. Daeschener, respectivamente ministros da Hespanha e da França. No grupo inferior á direita 6. o sr. Sagastume, ministro da Argentina, e 7. sr. Gaslão da Cunha, embaixador do Brazil. No grupo á esquerda, o sr presidente da Republica despedindo-se do sr. José Carlos da Maia, secretario de Estado da marinha, e do conego sr. Mendes Dias. A' direita da fotografia vê-se o capitão sr. Cameira.

Cartas a uma leitora

Paris, 31 de Março.

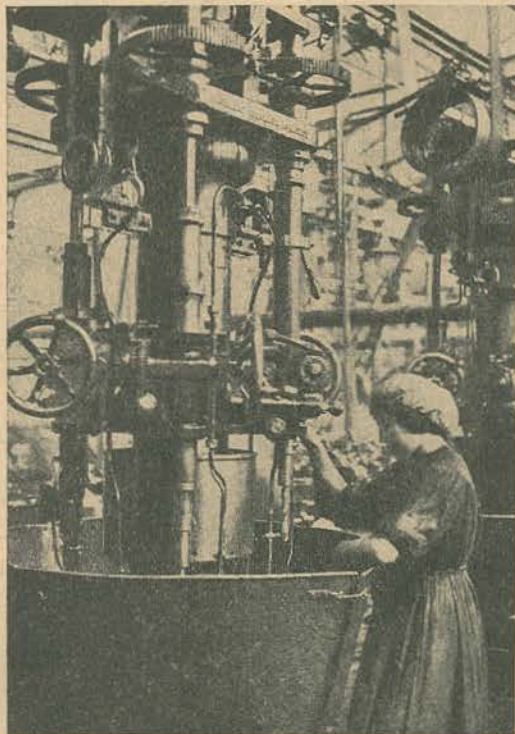
ESCREVO-LHE, minha senhora, ao som dos obuzes n'este domingo de Pascoa, as *Pascoas sangrentas* que anunciou a imprensa do kaiser. Ha dois dias, durante os officios de Sexta-feira Santa, um projctil do tal canhão monstro, maravilha dos engenheiros Krupp, caiu n'uma igreja do centro de Paris, matando e ferindo cerca de duzentas pessoas, na sua maior parte mulheres e creanças. Os outros teem feito muito menos vitimas. Mas catastrofes como aquela podem-se agora reccar aqui a cada instante. Contra as bombas dos Gothas, que teem um poder destrutivo muito mais que o dos obuzes, (pelo menos dos obuzes que caem sobre Paris) a população pode acautelar-se. Ha os abrigos publicos, ha o *Métro*, ha as *caves*. A *stréne* adverte da aproximação do perigo; os sinos e os clarins anunciam quando tudo acabou. Mas contra o canhão de Saint-Gobain as mesmas precauções são impossiveis. No primeiro dia os obuzes vinham de quarto em quarto d'hora. Agora não. Vem um de tempos a tempos, a espaços irregulares, desde as 6 e meia da manhã ás 7 do anoitecer. Ha dias em que não caem mais de

dois ou tres; n'outros não cae nenhum. Mas conservar a cidade sob o peso d'essa ameaça faz parte sem duvida do plano d'ofensiva moral que o inimigo vae executando contra nós. Porém, se V. Ex.^a agora aqui viesse admirar-se-ia

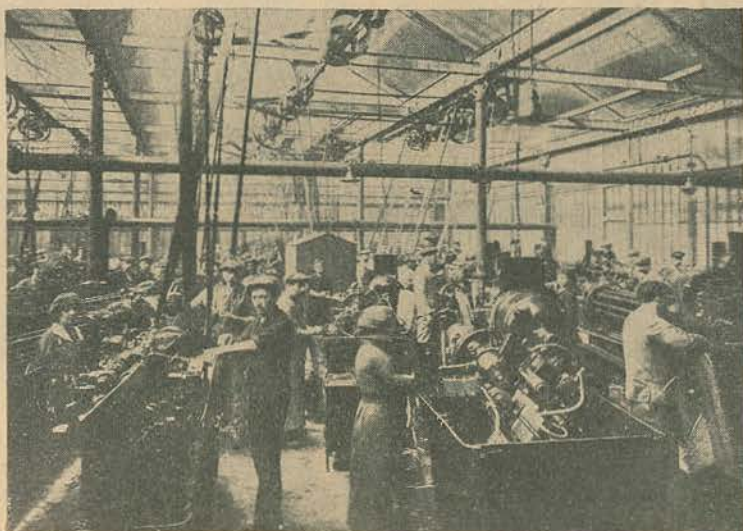
de vêr como Paris vive a sua vida movimentada de sempre, interessando-se febrilmente pelo comunicado das 15 horas, mas indifferente, ou quasi, ao tiro do canhão.

Envio-lhe hoje, minha senhora, como lhe prometi, algumas fotografias que lhe darão uma ideia da atividade das mulheres francezas durante a guerra, especialmente nas industrias que com a guerra mais diretamente se relacionam. Essas fotografias lhe darão uma ideia do vasto emprego da mão d'obra feminina n'essas industrias e ao mesmo tempo do modo como a mulher franceza soube adaptar-se aos seus novos misteres. Ha tempos tive occasião de visitar um grande numero de fabricas de munições. Em todas me foi

dito que o trabalho feminino dava um excelente rendimento e valia o do homem como qualidade. Apenas— e não hesito em acrescentar isso por amor á justiça—as mulheres não mostram qualidades que as indiquem para preencher com vantagem as funções de



Um torneiro-mecanico feminino

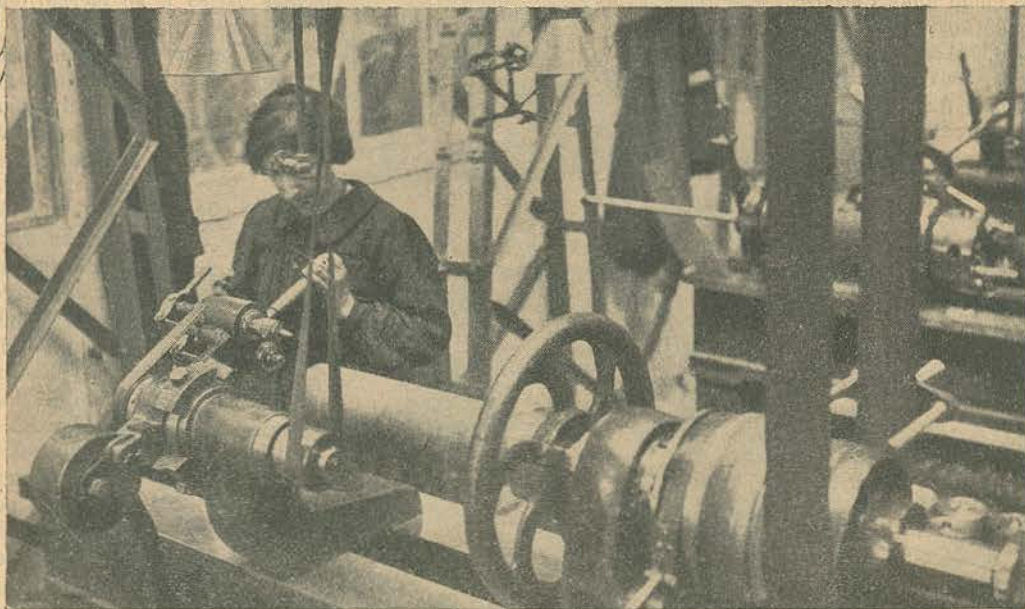


Uma oficina de material de guerra

chefes. Essas qualidades mesmas, contudo, eu estou em crer que, com o tempo, elas as saberão adquirir e cultivar. Acaso os bons chefes são vulgares mesmo entre os trabalhadores do nosso sexo?

Alguns exprimem já algumas inquietações sobre os resultados da atividade industrial fe-

independencia atual pela tutela do homem. Sem duvida! Mas, depois da guerra muitas coisas aparecerão transformadas ou em via de transformar-se. Será a eclosão d'um mundo novo. E esse problema será apenas um dos muitos que haverá então a resolver. Por hoje, prestemos homenagem a essas que, nas oficinas, como os

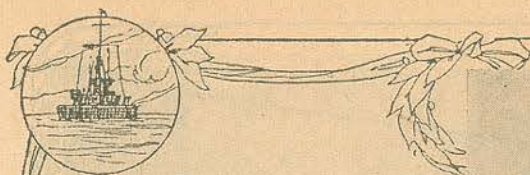


1. Brocando as capsulas dos obuses

minina, quando á organização social de depois da guerra. Os salarios que hoje ganham nas fabricas de munições são avultados. Essas mulheres sabem que são capazes de bastar-se a si-mesmas e um grande numero d'elas resignar-se-hão de mau grado a trocar a sua relativa

homens nos campos da batalha, trabalham sem descanso pela defesa do seu paiz. V. Ex.^a, sem duvida, as admira tanto como eu.

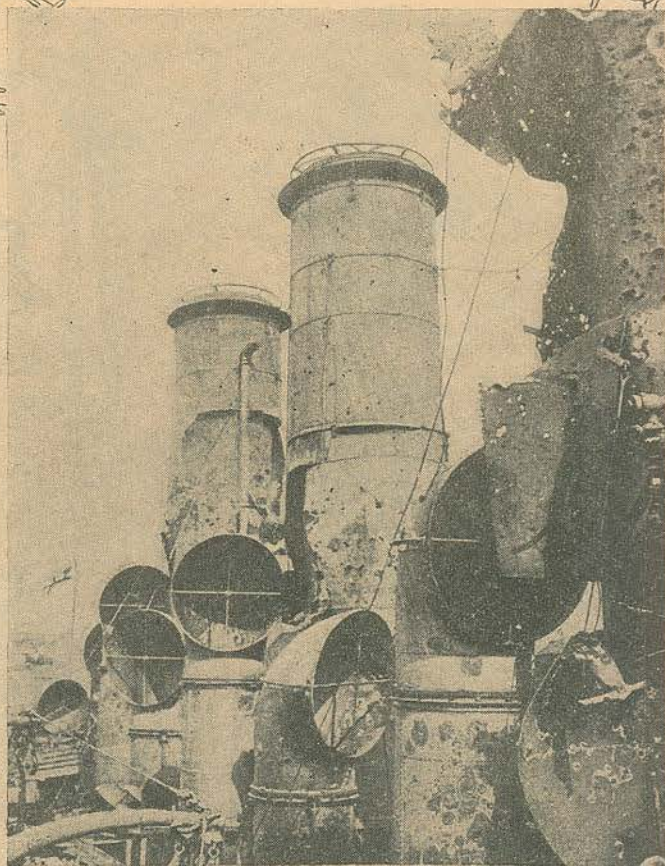
PAULO OSORIO



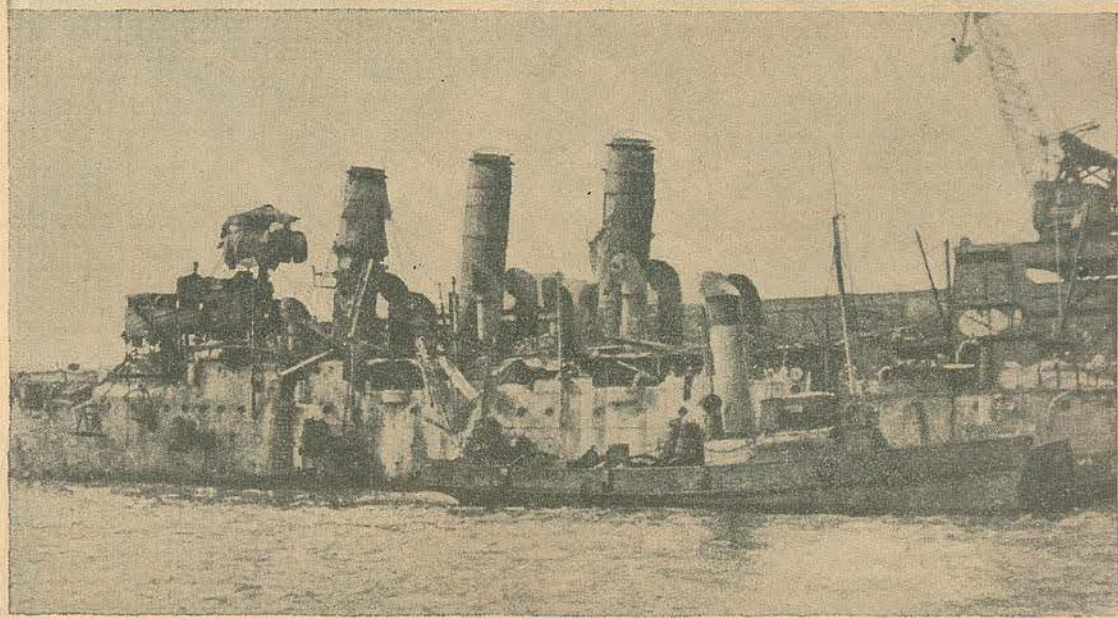
A GUERRA

O último «raid» inglês ao porto de Zeebrugge.—A campanha marítima parece ter entrado n'uma fase de grande atividade. As operações navaes executadas por navios de guerra britânicos contra Ostende e Zeebrugge — as duas bases inimigas do litoral belga, das quaes irradiam os submarinos para o canal da Mancha, conduzidas com um engenho e uma tenacidade indescritíveis, foram coroadas d'um êxito apreciável e quasi alcançaram por completo o seu objetivo—o engarrafamento dos dois portos. O *raid* naval inglês contra a costa inimiga foi uma operação de vulto e por ele a Alemanha soube, bem duramente, quanto vale a audacia dos marinheiros ingleses.

De facto, a luta travada em Zeebrugge, entre as unidades navaes britânicas e a artilharia pesada de terra, foi gigantesca, o que não obstou a que o *Vindictive* conseguisse abordar o molhe e



Como ficaram as chaminés do couraçado britânico *Vindictive* que tomou parte ativa no ataque a Zeebrugge.



O *Vindictive* no porto, depois da batalha. O lado, á vista, foi o que abordou ao molhe de Zeebrugge.



Marinheiros do *Vindictive* munidos de mascaras contra os gazes asfixiantes fazendo a abordagem do dique de Zeebrugge.

(Da *The Illustrated London News*).

n'ele desembarcar marinheiros que sustentaram titanicamente o fogo cruzado com que eram fustigados, recolhendo a bordo só

depois de terem desalojado o inimigo do dique e a esquadra ter atingido os outros objetivos.

SOLDADO QUE VAE A GUERRA



ANTONIO Corrêa de Oliveira, um dos maiores líricos de Portugal em todos os tempos, um dos que mais fundamente teem prescrutado, surpreendido e retratado nos seus versos maravilhosos de sentimento e de simplicidade a alma portuguesa, trouxe a lume um novo e adoravel poema em que o seu estro atinge a maxima perfeição de forma e o seu coração lusitano pulsa com uma ternura e uma amorosidade inexciveis. As «novas redondilhas» de Antonio Corrêa de Oliveira teem o titulo de *Soldado que vaes á guerra*... A guerra não inspira apenas as paginas de bronze em que se insculpem os feitos heroicos, nem os horripilantes scenarios que os correspondentes e já agora tambem os romancistas nos reproduzem nas suas descrições mais ou menos literarias do que viram ou ouviram: a guerra dá-nos tambem os arroubos sentimentaes que o nosso insigne poeta admiravelmente traduz nas suas estrofes — que serão lidas, pelos que lá combatem e pelos que aqui esperam, com o mesmo doce entusiasmo e a mesma intensa comoção. Quereis algumas das redondilhas da «Carta de Portugal»? Eil-as e dir-nos-heis se não devem considerar-se uma obra prima:

*Filho meu, do coração,
Da minha alma, que é mais vida:
E a da Mãe é tão comprida,
Que n'ela os filhos estão,
Antes que seja nascida!*

*Foi o que entendi, segundo
Os livros Santos, em seus
Misterios de amor profundo:
— Inda a Mãe não era mundo,
E já seu Filho era Deus!*

*Quiz-te escrever, pois que devo
Esta alegria á Lembrança;
E as cartas são como o trevo:
Tantas mais fo'has escrevo,
Tanta mais ven'ura e esp'rança.*

*Novas? Não sei... Velharias
De saudades, sim! — São elas
Antigas como as estrelas,
Nascendo, todos os dias,
Móças e lindas... E' vê-as!*

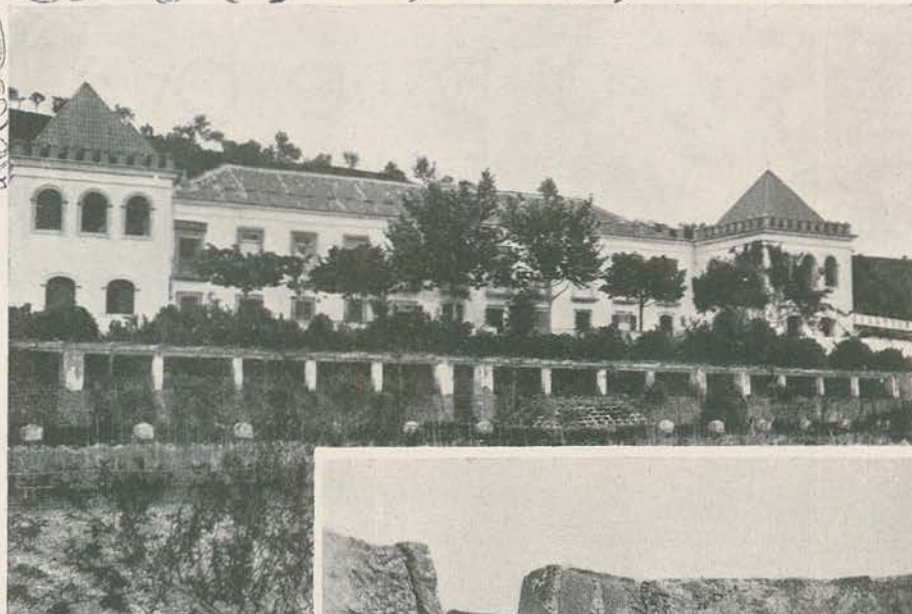
*Foste sempre o «meu menino»,
Mesmo depois de homem feito;
Cresceste em tão doce geito,
Que nunca perdi o tino
De que andavas do meu peito!*

*Levou-te a Guerra... E inda mal
A minha rasão alcança,
Como, sendo tão criança,
Has de amparar Portugal
E dar ajudas á França!*

*Mas a tua alma diz tanto
De Fôrça heroica e Bondade,
Que penso, Filho, em verdade,
Que nasceste para santo
Cavaleiro de outra idade!*



Paço do Sobralinho



Vista geral do palacio do Sobralinho

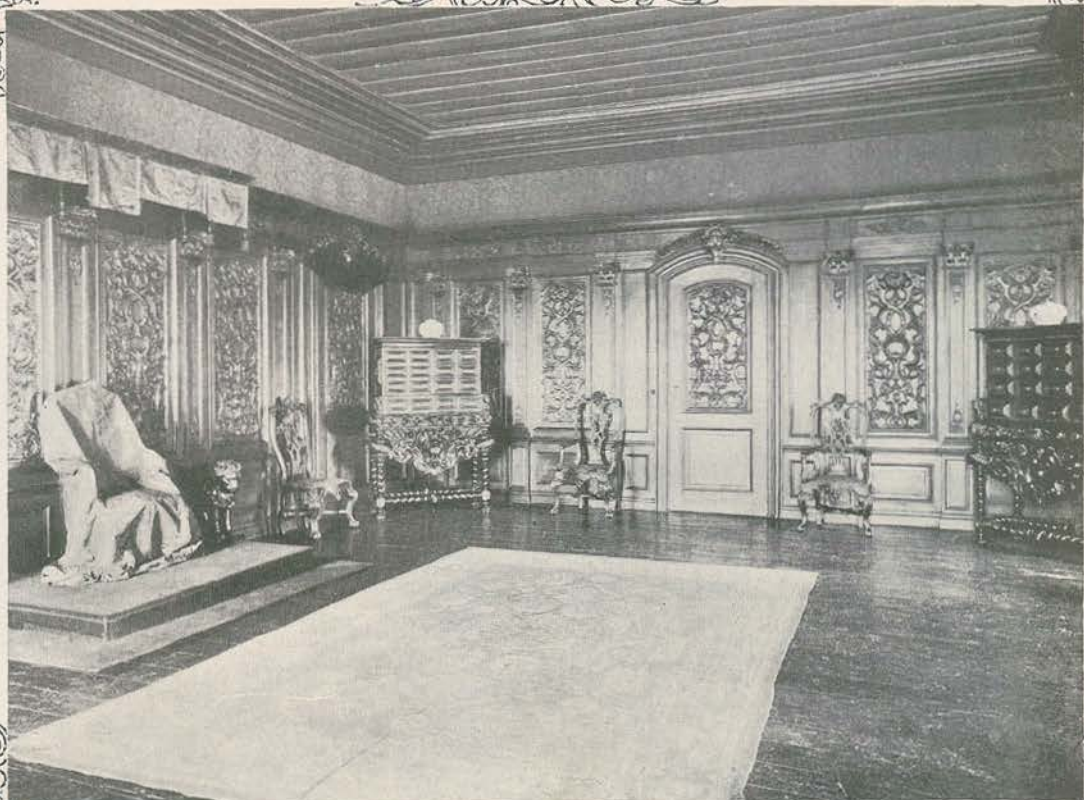
sante, até no seu aspéto geral com trez torreões e ameias, cujo ar sobriamente magestoso se disfruta a distancia, assentado a meia encosta e dominando ao longe o Tejo.



O forte que domina a entrada do palacio do Sobralinho e que se conserva ainda artilhado como nos tempos antigos.

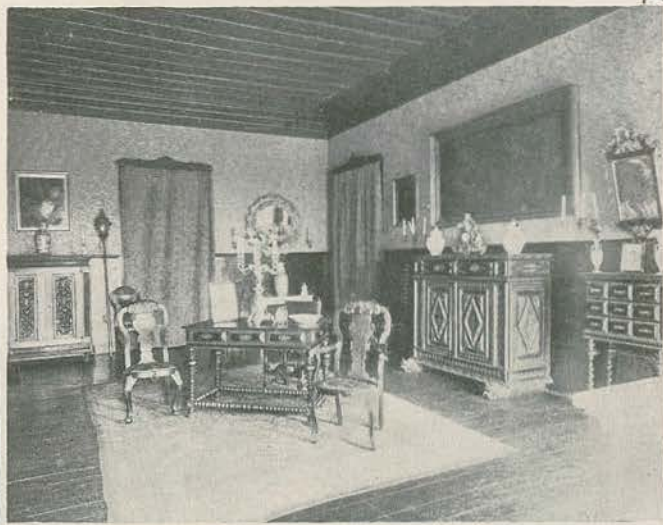


O atrio e escadaria d'honra



E' uma edificação tem portugueza n'uma arte genuinamente nossa, carinhosa em recordações, avivadas em historicos azulejos e impondo-se pela simetria heretica e nobre da sua fachada.

Esta senhorial residencia, que foi propriedade do Duque da Terceira e que tantas vezes acolheu sob os seus heraldicos tetos os soberanos



de Portugal, conserva, piedosamente tratada, a tradição augusta do seu passado historico.

As fotografias que junto publicamos darão melhor a impressão vivissima que colhemos n'uma rapida visita a esta magnifica propriedade dos illustres Condes de Sagres, da qual nos coube o inegualavel prazer de percorrer os magnificos e artisticos salões, dignos d'um verdadeiro muzeu d'arte antiga.

1. A antiga e soberba sala do trono, forrada de velha talha de carvalho.—2. A «sala amarela», vendo-se entre outras preciosidades um riquissimo candelabro de prata de inegualavel va or artistico.—3. O vestibulo do andar nobre, onde se encontra um magnifico retrato a oleo de sr. D. Miguel I.



1. Um aspeto da sala de jantar, vendo-se muitas das peças da velha e artística baixela de prata.

2. Um dos jardins do palácio, conhecido pelo nome de «Jardim da Condessa».

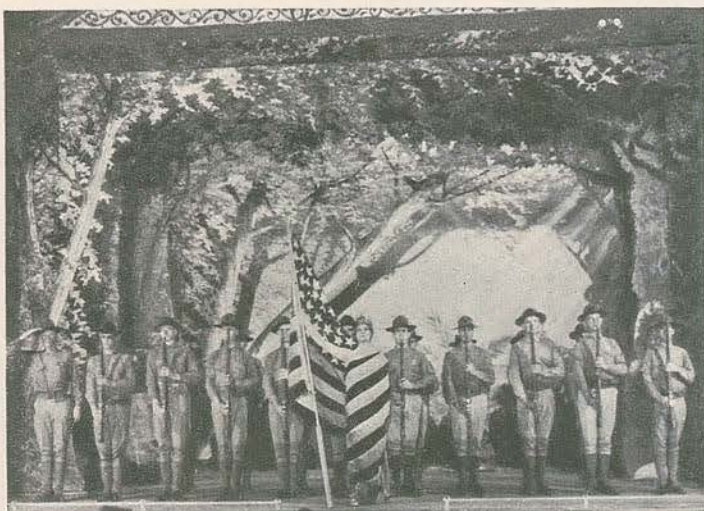


3. No largo das Ameias, d'onde se disfruta um magnifico panorama: o feitor da propriedade dando a refeição matinal aos pombos, que lembram, pela sua mansidão, os pombos de S. Marcos de Veneza.

(«Clichês» do distinto fotografo, sr. J. Fernandes).

OS AÇORES NA GUERRA

O governo dos Estados Unidos da America do Norte estabeleceu em Ponta Delgada, como se sabe, a base naval da esquadra que afanosamente anda empenhada em libertar o Atlantico do perigo submarino, para o que dispõe de meios eficazes de que só o engenheiro americano é capaz.



EM PONTA DELGADA: Grupo de marinheiros americanos que tomaram parte n'uma recita a favor da Cruz Vermelha Portuguesa. No primeiro plano vê-se uma dama americana, empunhando a bandeira do seu país, que cantou o hino americano.

mez já ali se contavam 42, entre os quaes alguns de 8 mil toneladas. A população da ilha de S. Miguel rejubila, succedendo-se as manifestações de simpatia pelos marinheiros da Livre America, á qual os açoreanos se encontram ligados por inumeras afinidades e da qual tem recebido mais benefi-



A comissão promotora da recita e os marinheiros que representaram a revista «A eles rapazes» e tomaram parte nas danças e jogos athleticos.

(«Clichés da Fotografia-Tosie», Ponta Delgada).

N'aquelle porto, que ainda só possui tres pilotos praticos, por cujo serviço o almirante americano manifestou a sua admiração, tem estado ancorados grande numero de navios. Em 27 d'Abril ultimo estavam ali 73 embarcações, das quaes 3 eram mercantes, algumas de 10 e 12 mil toneladas, falando-se de que até ao fim de Junho por ali deviam passar uns 300 navios de guerra, em comboios de 30 a 40. O movimento da doca, que é já enorme, aumenta consecutivamente. Em 22 do mez findo entraram 26 vapores e em 27 do mesmo

cios do que da metropole que sempre os esqueceu. Agora mesmo é a America que lhes está fornecendo os generos de primeira necessidade indispensaveis para o nivelamento de preços. Todo o bem estar relativo, que o povo dos Açores ora disfruta, se deve ao almirante americano que prodigamente tem patenteado o seu apreço pelos açoreanos, cujas excellentes qualidades de trabalho e dedicação fartamente elogia. E' grande a animação nas nossas ilhas. Está conjurado o perigo dos submarinos e não faltam subsistencias.

FIGURAS E FACTOS



Sr.ª D. Virginia Rosa Ferreira d'Almeida, uma das primeiras enfermeiras militares do Hospital Militar Portuguez, onde tem prestado relevantes serviços.



O sr. Carlos Gonçalves, distinto professor de piano, que realiso ha dias, na sua residencia, rua do Monte Olivete, uma adição musical para a apresentação d'algumas das suas discipulas, obtendo uma nova consagração do seu apreciavel talento e subilta competencia. A festa, que constituiu um acontecimento artistico de vulto, decorreu com grande brilhantismo, tendo a seleta e numerosa assistencia aplaudido prodigamente todas as alunas, que se houyram com distincção, honrando o merito do seu illustre mestre que colheu tambem calorosos encômios.



Sr.ª D. Mar'a Guilhermina de Castro Dá Mesquita, outra das primeiras enfermeiras militares do Hospital Militar Portuguez, onde os seus serviços tem sido muito apreciados.



O sr. Chagas Roquete, distinto fiscal do governo no Teatro Nacional, que roi de uma dedicação inexcedível em providenciar tudo o que era indispensavel para o bom exito da exposição de rosas que os srs. Moreira da Silva & Filhos, do Porto, realisaram no mesmo teatro.



As interpretes do «Grotto», peça indiana, representada em S. Carlos no dia 11 do corrente. O «Grotto», de que é autor o illustre professor e escritor sr. D. Tomaz de Noronha, acha se publicado e o produto da venda reverte a favor dos «Mullados da Guerra».



Sr. José Brandão de Carvalho, autor do livro de versos «Tuas cantigas», em que se afirma um poeta inspiradissimo e nos revela o seu invulgar talento que lhe lhe proporcionará um belo futuro.



Sr. Leandro Calderon, illustre pintor portuguez que concluiu brilhantemente o curso de cenografia em Milão. Os seus mestres, os mais distintos cenografos italianos, teceram-lhe sempre largos elogios.



Cenografia do IV ato da opera «Walkyria», do sr. Leandro Calderon. (Clichés da photographia Messesi, Milano).

O Teatro Nacional



Sr. Vitor Mendes

*H*istoria de Sempre é um drama domestico mas alheio ás grandes violencias e ás dores irremediaveis. Victor Mendes e Carrasco Guerra, dois homens de letras ao mesmo tempo medicos, não quizeram, como seria compreensivel, trazer para a cena um problema patologico e limitaram-se a tratar um simples caso de amor e em que se patentiavam sobretudo erradas noções de afeto maternal que talvez não sejam muito comuns, comquanto



Sr. Carrasco Guerra

ninguem possa dizer que são fantasiadas. A peça portugueza em tres atos, que o Teatro Nacional nos fez conhecer interpretada por algumas das suas primeiras figuras, demonstra qualidades brilhantes, nomeadamente no seu recorte, na sua tecnica e no seu estilo, possuindo um dialogo natural e fluente e prendendo as atenções do publico desde as primeiras



Augusta Cordeiro e Eduardo Brazão.

frases até que o pano desce sobre o epilogo. Entre os artistas que se

incumbiram de desempenhar a *Historia de sempre* mencionaremos Eduardo Brazão, perfectissimo no *raisonneur*; Augusta Cordeiro, primorosa na mãe; Luiz Pinto, correto no filho;

Laura Cruz, flagrante de exactidão na costureira tuberculosa; Albertina de Oliveira, gentil na noiva...

Os dois autores ouviram calorosos aplausos.



Justina de Magalhães



Eduardo Brazão



Albertina de Oliveira

COMPANHIAS DE SEGUROS

“A GLORIA PORTUGUEZA”

Tem-se desenvolvido ultimamente em Portugal, por uma forma extraordinaria, esta industria dos seguros. Seja porque a incerteza do dia de amanhã nos sugira a todos a ideia de nos acautelarmos, seja porque novas iniciativas de inteligencia esclarecida se tenham posto ao ser-

de mais prospero futuro. Firmada no seu capital de 2.500 contos e contando entre os seus organisadores homens como o sr. Francisco Alves, um dos mais cotados propagandistas de seguros, pela sua energia e vivacidade extraordinarias e pelo seu profundo conhecimento da especialidade,



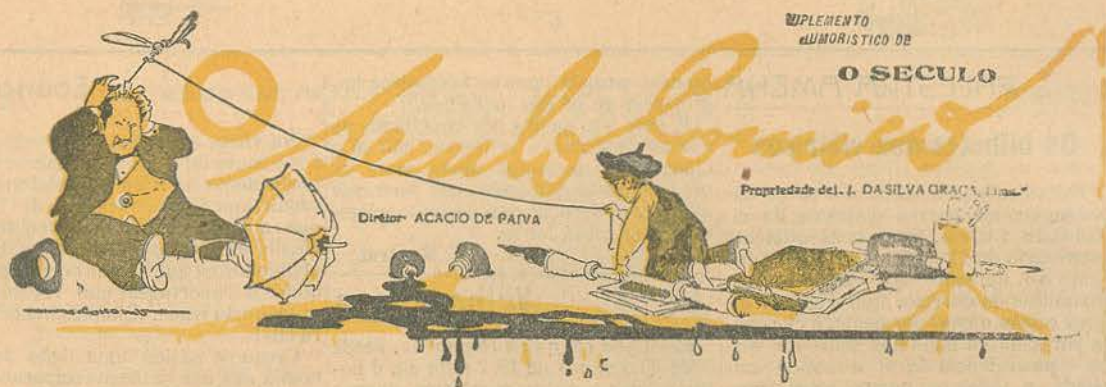
viço d'este ramo, o que é certo é que a criação de novas companhias de seguros é hoje, entre nós, coisa corrente. Como sempre succede, e mercê de variadas circunstancias, umas apresentam condições mais fortes de vitalidade do que outras. Tudo n'este mundo é assim e não seriam as companhias de seguros que se furtariam a essa regra.

Uma das que tem surgido ultimamente em condições de extraordinaria vitalidade é, com certeza, aquela que nos ocupa n'este momento. Fundada por homens que, só por si, são uma garantia admiravel, a nova companhia “A GLORIA PORTUGUEZA”, apenas em organização, já se denuncia como devendo ser uma das

“A GLORIA PORTUGUEZA” lançou ha pouco um concurso entre artistas para organizar o que podemos chamar a sua divisa. A esse concurso concorreram alguns artistas, sendo aprovado o desenho que vae reproduzido n'esta pagina e que é um felicissimo achado.

A nova Companhia já tem o seu capital completamente subscrito, sendo até obrigada a eleva-lo de 2:000 a 2:500 contos figurando entre os seus acionistas as principaes firmas comerciais da nossa Praça. Os seus escritorios acham-se instalados na R. Garrett, 80, l.º com filiaes nas varias terras do paiz.

Pelo conhecimento que temos da sua organização, crêmos bem que está assegurada á nova companhia uma existencia das mais risonhas.



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

Namôro

Insiste-se na reconciliação do Vaticano e de Portugal...



ELA — D'esta vez é para casar?

ELE — E'. O papá dá licença.



PALESTRA AMENA

Os bilhetes dos elétricos

Felizmente já aumentou o preço das passagens nos carros elétricos da cidade de Lisboa, com consentimento provisório da Camara Municipal, o que junto ao aumento do custo das estampilhas do correio, que chega n'alguns casos a cem por cento, a cincoenta por cento a mais nos selos de verba—providencia de aí a pouco ampliada a todos os outros selos, porque era uma vergonha ficarem abaixo dos de verba—com os direitos em ouro, para o freguez pagar em platina, as sobretaxas sobre os artigos de luxo, que o freguez igualmente pagará nos generos de primeira necessidade, enche completamente a medida de venturas que começámos a gozar no principio da guerra.

Dir-se-ha que as empresas particulares se fundam para ganhar e perder, não devendo nunca o publico pagar as diferenças; quando perdem de modo a não poder com os encargos respeitivos, quebram, o que commercialmente é licito e não metem as mãos nas algebras do passageiro incauto. Dir-se-ha isso, é certo, e muito mais ainda, mas diz-se mal porque carreiras a tres centavos, quando todos nós nadamos em dinheiro, quando até os empregados publicos apanham subvenções e vêem abolidos os direitos de encarte, que eram de desconto limitado em tempo, em troca de mais 5 por cento de imposto de rendimento por toda a vida, carreiras por essa insignificante quantia, diziamos, eram uma vergonha para uma cidade que se presa de adeantada.

Até agora, entrar n'um carro eléctrico era seguro indicio de pelintruste; quem transitava a pé—tanto custam as solas das botas—lançava ordinariamente para os passageiros dos eléctricos um olhar de desprezo ou de dó, significando:—Coitado! nem tem dinheiro para andar de automovel! De futuro, não: os passageiros dos eléctricos são olhados com respeito, são cumprimentados, são invejados e sentem-se pessoas de importância quando pedem um bilhete para o Arco do Cego...

Queixa-se alguém? Não, nem tem razão para isso; primeiro, porque a elevação de preços é sinal de prosperidade—vidé America do Norte—depois, porque o publico de Lisboa foi avisado com tempo e, em fim, se não anda a pé é porque não quer.

Ainda a este ultimo argumento algum maldizente, que sempre os ha, responderá que quem mora longe do seu emprego e occupação não tem tempo nem força nas pernas para largas caminhadas; mas tambem a isso a Companhia responderá, e quiçá com ela a Camara Municipal, que não é d'aquella a culpa dos lisboetas não morarem perto dos ditos empregos e occupações, á semelhança da magnifica idéa que um dia brotou do cerebro do conde de Santa Maria

quando propôz que os bombeiros habitassem ao pé dos incendios.

E com isto damos por concluidas as nossas descabidas reflexões, não vá a Companhia aumentar ainda mais os preços, posto que muito nos honrasse a alta consideração que assim manifestava pela nossa burra.

J. Neutral.

Velha e Nova

Insiste-se em que a Republica, desde 5 de Dezembro de 1917 para cá, é nova; e que a outra, a anterior, apesar dos seus poucos anos, é velha, insistencia que tem causado geral admiração, porquanto toda a gente imaginava que a Republica era só uma.

Lá que ela mudou muito de feições, é verdade; mas quanto a querer significar com «velha» e «nova» que até 5 de dezembro foi má e que depois d'essa data é



boa, abrangendo cada periodo tão pouco tempo, quer-nos parecer que é muito cedo para lhe pôr alcunhas.

Ninguém dirá—senão os mouros—que a monarquia de D. Afonso Henriques foi má nem que a ultima, a de D. Manoel, foi boa. Deixem, pois, passar o tempo e então se ajuzará das denominações a empregar.

Ora então, oxalá que não apareça qualquer dia uma terceira: a Novissima.

Torre de chifre

Nuvens

Cavalguei, cavalguei impetuosamente
Pelo ideal, pela filosofia
E fui lançando a semente
Com que fui embalado algum dia.

Vi espinhos, vi cardos e vi urzes
E nem uma luz tudo escuro;
Ouvi ruidos confusos
Não podendo distinguir o futuro.

Contudo uma voz entretanto
Dizia avante, não desanime,
Trabalhar é sempre um encanto
Não pode constituir um crime!

Alberto Guião Lopes.

Economia

Na visita a um asilo do Porto o sr. Presidente da Republica escreveu um longo elogio no livro dos visitantes. A seguir, um dos secretarios de Estado que o acompanhava escreveu segundo elogio, um pouco menos longo. E mais abaixo um cavalheiro da comitiva, cujo nome a reportagem não revelou, escreveu esta frase: «Simplesmente admiravel!»

Como se vê deu uma lição de economia aos que se lhe anteciparam, mas, quanto a nós ainda pecou por excesso. Que diabo vem ali fazer aquele «Simplesmente»? Pois não bastava que tivesse escrito: «admiravel»? E, melhor ainda, que se limitasse a escrever o ponto de exclamação? Um! era sufficiente.

Podem crêr que a nova forma de governo está sendo um nadinha prolixa de palavras.

Tendencia para a unidade

Ministro é uma palavra que enche a boca e que dá honra a quem a pronuncia. «Sou ministro» dizia-se com orgulho. «Tenho um parente ministro» envaidecia. «Vou falar ao ministro», causava inveja.

Pois sim, mas quem agora manda não admite vaidades—e trata de suprimir os ministros, substituindo-os por secretarios de Estado, especies de amanuenses, por mais que queiram dourar a pilula.

E já se diz por aí que esses secretarios nem ao menos terão entrada nas Camaras, a não ser, talvez, na galeria



publica quando lhes apeteça, o que os iguala aos correios, que ao menos se distinguem pelo vistoso da farda.

Na nossa opinião o facto representa uma medida transitória, indicadora de modificações mais radicais, a qual visa a extinção do cargo. Chama-se-lhes secretarios para os desgostar; depois dão-se-lhes nomes ainda mais deprimentes—contínuos, serventes, etc.—até que não haja ninguém que queira aceitar tal emprego. Tendencia para a unidade, emfim, e decidida vantagem sobre os sistemas antigos, visto que quantas mais pessoas, são menos fazem.

Não ter ministros já é alguma coisa, mas ainda não é tudo para seguir por bom caminho.



Correspondencia

Pan-Sudo.—E a censura? Se lhe publicassemos os versos—e algumas das quadras são aproveitáveis—era côrte pela certa. Estamos escaldados, amigo.

Alberto Leitão.—Para que não nos acuse de crueis, ai vai uma das quadras do seu *Sino da minha aldeia*. Chega, para encanto dos leitores.

*Emquanto alegre bimbaldas
A chamar ás orações
Nas giestas cantam as gralhas
E nas matas os tralhões.*

Bem bonito.

Bravo, seu Bermudes!

Ha familias verdadeiramente privilegiadas, como por exemplo a familia Bermudes, que não se contentando em ter no seu seio o engraçadissimo Felix das revistas de ano possui tambem o prestantissimo Adães da Camara Municipal—e isto dizemos sem sombra de ironia, mas porque o *Seculo Comico* é sério quando se torna preciso sê-lo.

Todos nós conhecemos o Tejo, não é assim? Todos o teem visto por ai abaixo desde o interior de Espanha á torre do Bugio, não é verdade? E a qual de nós ocorreu a idéa de que o Tejo servia para mais alguma coisa do que para banhar, fornecer saveis e ser util á navegação? Pois serve e foi Adães Bermudes que de tal se lembrou, propondo o seu aproveitamento para variadissimas industrias.

Já a proposta Lino Neto, do aproveitamento dos desperdícios da comida, tinha lançado os portuguezes n'uma



alegria doida; a Bermudes, pela nossa tendencia ao exagero, acabou de os enlouquecer.

—Então já sabes? Vamos ter industrias a dar-lhes com um pau!

—Como, se não temos as materias primas?

—Como? Por meio do Tejo!

—E as subsistencias nunca mais nos faltarão.

—Onde estão elas?

—No Tejo, homem, no Tejo!

—Mas parece-me...

—Sempre o maldito septicismo nacional! E sabes que mais? Agora é que todos vão ter juizo.

—Como?

—O' homem! E' o que falta no Tejo! Verá o sr. Adães como, na melhor das intenções, ainda vem a ser apedrejado—no dia em que esta gente souber que para aproveitar o Tejo, como motor ou irrigador, é preciso trabalhar...

EM FOCO



OLDEMIRO CESAR

Avé, Cesar! «Belmiro» te sauda
Não porque vá morrer, por despedida,
Antes porque lhe deste intensa vida
Na tua prosa fresca e não massuda.

Ora picante, como sefa aguda,
Ora serena, doce e comovida,
Pelo conceito a meditar convidada,
Na forma atrae, sarcasfica ou sisuda.

No entanto ao ver um livro assim, de geito,
Eu sinto uma impressão que desanima
E o meu entusiasmo é contrafeito:

Pois de que serve qualquer obra prima,
O trabalho melhor, o mais perfeito
Onde sabem tão poucos lêr por cima?

BELMIRO.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Campo de ruinas, por Augusto de Castro. De cada vez que nos chega á mão um livro d'este escritor sentimos um grande desgosto: o de dispormos de pouco espaço e de poucos adjetivos para o elogiar quanto e como desejaríamos. *Campo de ruinas* são crónicas da guerra actual, dando-nos aspéctos mais exatos do que a fotografia e representando-nos factos com mais clareza do que se nós proprios os observassemos: e isto porque é um grande artista que viu, que sentiu e que transmite, com o extraordinario poder do seu talento. E por aqui nos ficamos—por falta de espaço e de adjetivos.

Mutilados portuguezes, por José Pontes. E' tambem um livro da guerra, científico, escrito n'aquelle estilo claro que iguala na pericia José Pontes educador a José Pontes jornalista. N'este livro o medico trata do estudo de reeducação dos mutilados, mas acima de tudo resalta n'ele a nota sublime do patriotismo. Bem haja.

Tradutores

Noticia um jornal, em telegrama, que um sabio estrangeiro acaba de descobrir o remedio para curar a tuberculose. Começa por dizer que é injectando *sacaroso* no doente e no fim refere-se outra vez ao medicamento chamando-lhe *sacarosa*.

Percebe-se que está duvidoso quanto ao sexo da *sacarose*. Pois foi para resolver essas duvidas dos tradutores que se fez o dicionario francez-portuguez.

Botas

Qual será o motivo do encarcimemto do calçado? Ha alguma razão especial para dar agora mais valor aos couros do que se dava antes da guerra?

Não vale a pena averiguar. O caso é que de semana para semana o preço das botas aumenta e que quem não tiver milhões á sua disposição só pode



resolver o problema andando descalço, como, aliás, é natural e hygienico, segundo a douta opinião do sr. Amilcar de Sousa.

A proposito...

Entre mancebos.

—Então sempre casas com a Elvirinha? E' feissima.

—Bem sei, mas é rica.

—Como sabes tu isso?

—Facilmente. Traz sempre botas de polimento.

A D. Cesarina Rip recebe sem retulancia as galanterias dos homens, mas só as retribue por elevado preço. O visconde da Sardinha:

—O' D. Cesarina! Um colar de brilhantes pelo seu amor

Ela, desdenhosa:

—Ora adeus!

Ele, teimoso:

—Um chalet no Estoril!

Ela, indifferente:

—Que ninharia!

Ele, perdidamente:

—Um par de sapatos!

Ela, rendida, caindo-lhe nos braços:

—Sou tua!

Dos jornais:

«Efetuou-se hontem o enlace matrimonial da sr.^a D. Ricarda Werniz e do sr. José Capaz, bem conhecidos na nossa sociedade elegante.

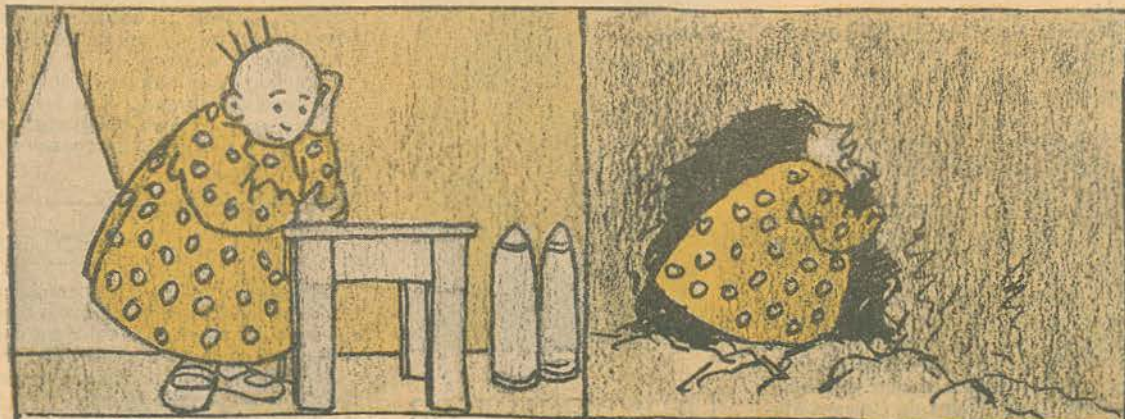
Na corbeille da noiva viam-se brindes d'um valor inestimavel, entre os quaes se notavam seis pares de sapatos quasi novos e dois pares de botas apenas arrombadas nas biqueiras...»

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

22.^a Parte1.^o Episodio

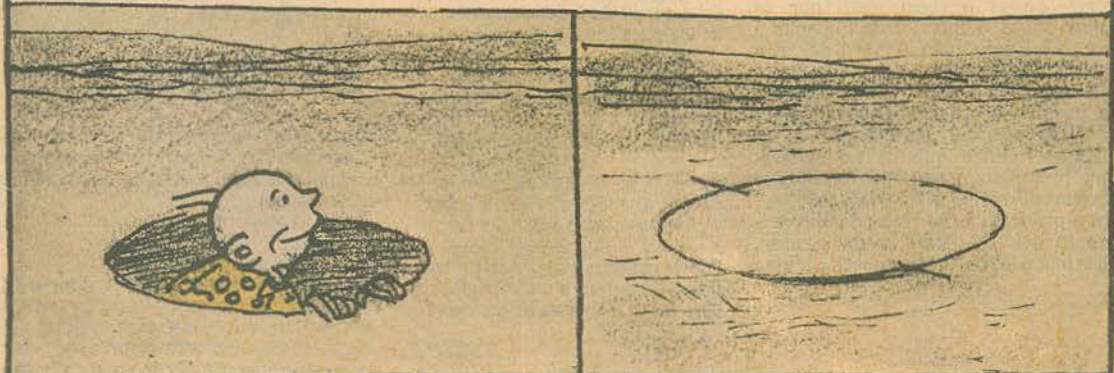
MANECAS, ESTRATEGICO

(Continuação)



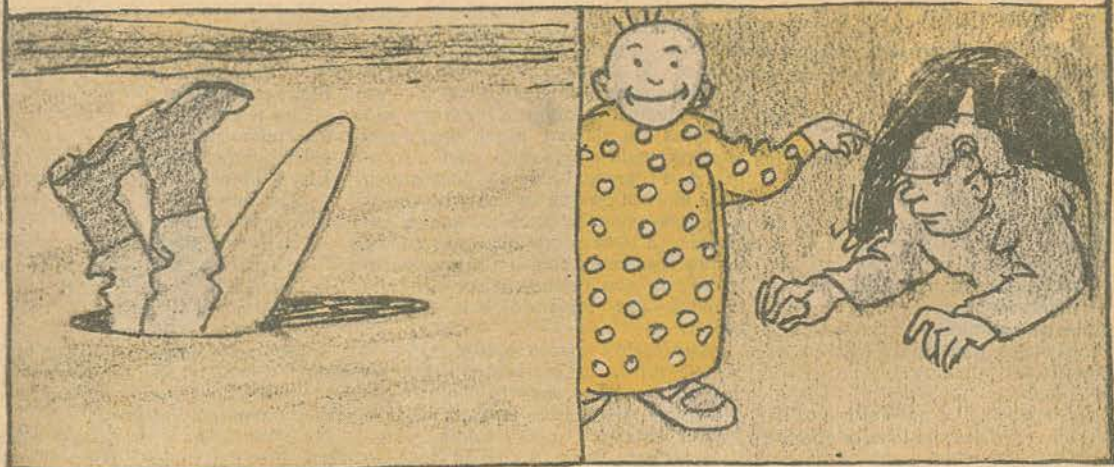
1.—Como os espões *boches* abordem de noite as trincheiras portuguesas, Manecas pensa na maneira de os apanhar.

2.—O costumeado raio de genio atravessa-lhe o deposito dos inventos, ou seja a cabeça. Manecas abre um tunel.



3.—Na parede superior do tunel cava uma especie de chaminé, que vai abrir-se á superficie do globo terraqueo.

4.—Coloca na abertura uma tampa no vel sobre um eixo diametral.



5.—Está-se a ver o resultado. Os espões caminham pé ante pé e ao chegarem á tampa vão por ali abaixo inopinadamente,

6.—de modo que nada mais facil do que agarralos á boca do tunel, como os meninos estão vendo. Viva o Manecas!

(Continua).